

*Dedicamos essa edição à memória de
Cássia Siqueira Figueiredo.*

*A capa da edição homenageia sua obra
“Dias”, lançada em 2015, que pode ser
encontrada em seu perfil na plataforma
“BandCamp”.*



“Vivemos em um mundo desagradável, onde não apenas as pessoas, mas os poderes estabelecidos têm interesse em nos comunicar afetos tristes. A tristeza, os afetos tristes são todos aqueles que diminuem nossa potência de agir. Os poderes estabelecidos têm necessidade de nossas tristezas para fazer de nós escravos. O tirano, o padre, os tomadores de almas, têm necessidade de nos persuadir que a vida é dura e pesada. Os poderes têm menos necessidade de nos reprimir do que de nos angustiar, ou, como diz Virílio, de administrar e organizar nossos pequenos terrores íntimos. A longa lamentação universal sobre a vida: a falta-de-ser que é a vida... Por mais que se diga "dancemos", não se fica alegre. Por mais que se diga "que infelicidade a morte", teria sido preciso viver para ter alguma coisa a perder. Os doentes, tanto da alma quanto do corpo, não nos largarão, vampiros, enquanto não nos tiverem comunicado sua neurose e sua angústia, sua castração bem-amada, o ressentimento contra a vida, o imundo contágio. Tudo é caso de sangue. Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência.”

Trecho de Deleuze em “Diálogos”, páginas 50 e 51. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. Publicado pela editora Escuta em 1998.



“À revelia do mundo, eu as convoco a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível. Aqui, onde todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas. Aqui, onde a noite infinita já não nos assusta, porque nossos olhares comungam com o escuro e com a indefinição das formas. Aqui, onde apenas morremos quando precisamos recriar nossos corpos e vidas. Aqui, onde os cálculos da política falham em atualizar suas totalizações. Aqui, onde não somos a promessa, mas o milagre. Aqui, onde não nos cabe salvar o mundo, o Brasil ou o que quer que seja. Onde nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras e manifestam, com sua dissonância, dimensões e modalidades de mundo que nos recusamos a entregar ao poder. Aqui. Aqui ainda.”

Trecho de Jota Mombaça, em “Ñ Ñ NOS MATAR AGORA”,
página 14. Publicado pela editora Cobogó em 2021.



ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 5

ARTES DE ANTONIO CLEYTON FERREIRA SILVA 9

**LUTA TRANS E ANARQUISMO QUEER: ROMPENDO OS DOGMAS
(TRANS)FEMINISTAS PARA A LIBERAÇÃO TOTAL** 11

Madelyna Zicqua

ARTE DE BARTÔ HAVILÁH 23

**“COMBINAMOS DE NÃO MORRER, PRECISÁVAMOS TAMBÉM QUE ELES
TIVESSEM COMBINADO DE NÃO NOS MATAR” NOTAS SOBRE A VIOLÊNCIA
TOTAL CISHETEROSSEXUAL** 25

Agnes de Oliveira

LUTE COMO UM BOYCETA 33

SISTEMA, SAÚDE E FABRICAÇÃO DE CORPOS 35

CURA CIS 38

Luz Costa

LAÇOS DE SANGUE 40

Iara Lemos Silva



APRESENTAÇÃO

com bastante satisfação, apresentamos a primeira edição da *revista trans-libertária!*

organizar essa revista é uma empreitada, uma iniciativa que corresponde a sentimentos tanto de entusiasmo como de aflição. nosso contato com o que se pode entender por *perspectivas trans-anarquistas* não é recente, embora algumas nomenclaturas nos pareçam quase inéditas. como escrevemos na apresentação do *acervo trans-anarquista*, onde essa edição fica hospedada, podemos entender perspectivas trans-anarquistas como um conjunto de movimentos libertários, trans, cuir/queer e transfeministas contrários às normatividades institucionais da modernidade e que se movimentam de modo transversal em relação às diferentes formas de violência que atravessam diferentes grupos. é uma definição bastante ampla, e não consideramos isso prejudicial.

algo que percebemos em inúmeras coletividades – anarquistas, libertárias ou o que quer que sejam – é uma espécie de isolamento discursivo que nos impede, descaradamente ou não, de traduzir nossos incômodos em palavras. é um regime linguístico que não nos oferece vocabulário para designar o que sentimos, porque se espera que não interpretemos, que não falemos sobre, que nos contentemos com a fixidez de categorias que não dão conta de nossas existências, de nossos corpos e desejos. nada mais justo, então, do que nos apropriarmos da linguagem e de criarmos a nossa própria. mas como criar uma outra língua se nossa musculatura foi forjada nesse mundo violento? como não corresponder àquilo que nos fere? uma de nossas feridas se refere à petulância acadêmica de tentar dar conta de tudo; uma petulância que se outorga a capacidade de determinar a verdade sobre si e sobre os outros. tantos acadêmicos estudam sobre gênero, violência e discriminação, escrevem sobre isso, analisam casos e narrativas, mas quantos deles identificam processos de violência que ocorrem diante de seus olhos? quantos estudam aquilo que fica nas entrelinhas, as normatividades, as formas de dominação, as instituições, e não percebem, ou fingem que não



percebem, atos de transfobia, racismo, capacitismo ou misoginia subsumidos, subentendidos?

é doloroso não conseguir falar, mas é pior quando precisamos falar sozinhos; quando não temos quem fale conosco; quando temos de lidar com o silêncio dos outros – em outras palavras, com sua não-assumida convivência. é um silêncio geralmente respaldado por muitas justificativas. a mesma violência presente no silêncio é aquela que nos convence de que não há nada de errado acontecendo; é aquela que naturaliza o constrangimento do "outro", que transforma a diferença em um antagonismo radical; que concentra seus esforços em políticas do aniquilamento. reconhecer o teor violento desse silêncio, ainda mais em meios que se dizem libertários, pode ser um dos caminhos para romper com ele.

não por acaso, algo bastante presente na literatura trans-anarquista – e não só – é o desabafo. muitos textos começam a partir de desabafo e se desenrolam em torno da necessidade de externalizar incômodos. e a responsabilidade por explicar que o movimento social não é menos normativo que qualquer outro espaço recai justamente sobre quem já não aguenta mais ter que falar. como lidar com as cumplicidades cisgêneras, brancas e normativas que estruturam as conversas? como estar no movimento social se nossos corpos não são realmente bem-vindos? como constranger os olhares normativos sem ter que se dar ao trabalho cansativo e desgastante de explicar – e explicar, e explicar, e explicar?

o que motiva a organização tanto do *acervo trans-anarquista* como da *revista trans-libertária* é o desejo persistente de tensionar – tensionar um anarquismo contraditoriamente conservador, que resiste a reconhecer suas normatividades e centralizações; tensionar os movimentos trans assimilacionistas, que resistem a reconhecer a captura do capitalismo, do *pink money*, de políticas partidárias; tensionar toda e qualquer pretensão de universalidade; tensionar as palavras que empregamos para dar conta de nossas existências.

repetimos novamente aquilo que escrevemos no *acervo*: longe de recorrermos a essencialismos, ou de afirmarmos que ser trans é ser anarquista, entendemos, como escreveu Audre Lorde, que “as ferramentas do



senhor nunca vão dismantelar a casa-grande”. a emancipação de corpos subalternizados jamais será uma concessão das instituições que nos subalternizam. como forma de responder a isso, em junho de 2024 abrimos chamada para recebimento de materiais que tratem de trans-anarquismo, anarquismo cuir/queer, transfeminismo libertário, anarcofeminismo, e outros eixos de discussão que produzam, ou evidenciem, zonas de tensão. nossa expectativa é que isso contribua, de alguma forma e na medida do [im]possível, para a ampliação de diálogos, para a externalização de incômodos, para que consigamos nos identificar ou desidentificar com o que é trazido aqui, para que não adoeçamos – ou melhor, para que criemos vida: que não precisemos falar sozinhas; que, por um lado, reconheçamos a violência do silêncio e, por outro, que incorporemos o antagonismo radical, que incorporemos a ameaça. “Vivemos em um mundo desagradável”, escreveu Deleuze, e Mombaça nos convoca “a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível”.

**que possamos pensar em outras formas de vida
onde nossas vidas sejam possíveis.**



nessa edição, as lindas artes de Antonio Cleyton Ferreira Silva abrem o caminho para o texto de Madelyyna Zicqua, *Luta trans e anarquismo queer: rompendo os dogmas transfeministas para a liberação total*. esse texto, publicado originalmente em espanhol em 2021, foi traduzido pela equipe da revista *trans-libertária*. nas palavras de Zicqua, “apresento uma abordagem anarcofeminista queer da luta trans como um meio termo entre o patriarcado e a liberação total dos estilos de vida por meio da abolição do gênero”.

seguimos para a arte de Bartô Haviláh em homenagem à vida de Matheusa Passarelli, que deve estar sempre em nossa memória e em nossos corações.

o ensaio de Agnes de Oliveira, “*Combinamos de não morrer, precisávamos também que eles tivessem combinado de não nos matar*” notas sobre a *violência total cisheterossexual*, nos oferece uma perspectiva crítica sobre cisheteronormatividade, transfobia e violência do estado. em suas palavras, “a morte de cada uma das pessoas dissidentes é um pouco a nossa, daquelas que sobrevivem”.

por sua vez, Luz Costa nos apresenta duas artes, *Lute como um boyceta* e *Cura cis*, que são interpeladas por seu texto *Sistema, saúde e fabricação de corpos*. em suas palavras, “Eu não quero ser outro corpo mecânico padronizado e capitalizado, tampouco sou contra aplicação de hormônios. Desejo aplicá-los com a autonomia de não depender desses maquinários midiáticos, corrosivos, que perpetuam das mesmas violências eugênicas”.

Iara Lemos Silva nos traz seu poema *Laços de sangue*, em que narra com bastante sensibilidade aquilo que muitos de nós enfrentamos em nossas famílias.

então, agradecemos a todes que nos enviaram seus materiais, que confiaram em nossa iniciativa e que decidiram compartilhar aqui um pouco de suas narrativas e de seus olhares sobre o mundo. esperamos que essa edição seja somente a primeira de várias e que consigamos organizar um espaço acolhedor de divulgação, difusão e criação de diálogos. desejamos uma boa apreciação dos materiais que se seguem.

